



25 anos
no
Brasil
act:onaaid

Transformando
Vidas,
Construindo
Futuros



SUMÁRIO

Mensagem da Coordenação	03
Ampliar o olhar sobre a justiça	04
Transformar as relações de poder.....	08
Estar presente quando mais importa.....	13
Uma história brasileira que atravessa fronteiras	15
25 anos, muitas alianças	17
Vidas que dão sentido à mudança.....	19
Recursos, pessoas e transparência.....	21

MENSAGEM DA COORDENAÇÃO

Olá,

2024 foi um ano de celebração dos 25 anos da ActionAid no Brasil — e de reafirmação de porque essa história continua necessária. Em diferentes partes do mundo, eventos climáticos extremos, conflitos, insegurança alimentar e instabilidade econômica seguiram aprofundando desigualdades. No Brasil, as enchentes históricas no Rio Grande do Sul, as secas severas em diferentes regiões e os impactos sobre o acesso à água, à produção de alimentos e aos meios de vida tornaram ainda mais evidente que as crises não atingem todas as pessoas da mesma maneira.

É nesse contexto que olhamos para os 25 anos da ActionAid no país. Não como uma sequência linear de temas, mas como uma trajetória de aprendizagem e transformação. Começamos com a luta pelo direito à alimentação e fomos ampliando o olhar para a agroecologia, a água, os territórios, a participação social, a justiça econômica, os direitos das mulheres, a equidade racial e a justiça climática. Ao longo desse caminho, também transformamos nossas formas de trabalhar: da capacitação à participação, da assistência à organização, da ação isolada ao fortalecimento de movimentos e redes.

Esta história não foi construída sozinha. Ela existe porque comunidades, organizações parceiras, movimentos sociais, redes, universidades, doadores e pessoas que acreditaram na solidariedade caminharam conosco. Por isso, este relatório combina a voz institucional da ActionAid com as vozes de quem construiu essa trajetória e com histórias de pessoas que mostram, em suas próprias palavras, o que esses processos tornaram possível.

As páginas que seguem contam uma história em movimento: uma história de direitos que se ampliam, de relações de poder que podem ser transformadas e de pessoas que, organizadas, encontram caminhos para mudar suas próprias realidades.

Um abraço fraterno,

Ana Paula Brandão, Jorge Romano,
Glauce Arzua, Daniel Barros

Coordenação Executiva
ActionAid Brasil

Como ler este relatório

Este relatório organiza os 25 anos da ActionAid no Brasil por movimentos de transformação, e não por uma sucessão de temas. Cada capítulo apresenta uma mudança de perspectiva: o que aprendemos, como nossas estratégias se transformaram, quais alianças tornaram isso possível e o que 2024 acrescentou a essa trajetória.

As entrevistas realizadas em 2025 entram aqui como vozes retrospectivas de trajetórias construídas ao longo dos anos. Elas ajudam a dar rosto e voz aos 25 anos, mas não devem ser lidas como resultados estatísticos de 2025 nem como substitutas dos dados de 2024.



AMPLIAR O OLHAR SOBRE A JUSTIÇA

Da luta pelo direito à alimentação à justiça climática

Vida digna é vida sem fome. Por isso, a defesa do direito das pessoas a se alimentarem de forma regular e saudável esteve no centro do trabalho da ActionAid desde a abertura do escritório brasileiro, em 1999.

Ao longo dos anos, esse compromisso foi se ampliando. Apoiamos práticas agroecológicas, a produção e a comercialização pelas agricultoras, o direito de acesso dos povos tradicionais à terra e aos recursos naturais e a agricultura urbana. Atuamos nos territórios e também nos espaços de formulação de políticas públicas, lado a lado com organizações e movimentos sociais.

A mudança climática tornou esse olhar ainda mais amplo. Seus impactos recaem de forma desproporcional sobre quem já enfrenta desigualdades históricas. Por isso, passamos a compreender cada vez mais claramente que falar de clima é também falar de justiça social, de acesso à água e à terra, de proteção dos territórios, de soberania alimentar e de quem participa das decisões.

Nosso trabalho parte da escuta e do fortalecimento das comunidades mais afetadas, apoiando seu protagonismo na defesa de seus territórios e na construção de políticas climáticas mais justas. Mulheres e jovens, muitas vezes na linha de frente da proteção dos bens comuns, ocupam um lugar central nessa trajetória.

Uma trajetória construída em muitas frentes

- » Mutirões de combate à fome, no início dos anos 2000, evidenciaram e denunciaram a desnutrição em áreas urbanas.
- » A Pesquisa de Avaliação Nutricional na Cidade de Deus, liderada por jovens moradores, contribuiu para mudanças no atendimento de crianças na rede pública.
- » A experiência dos Sem Terrinha, no Maranhão, articulou brincar, agroecologia, preservação ambiental e direitos sociais.
- » A Campanha por Comércio Justo levou os interesses da agricultura familiar às negociações sobre agricultura na Organização Mundial do Comércio.

- » Bancos comunitários de sementes crioulas e quintais produtivos fortaleceram soberania alimentar, adaptação climática e geração de renda para mulheres.
- » A promoção das cisternas de placa, com MOC e ASA, ajudou a transformar uma tecnologia social em política pública de acesso à água no Semiárido.
- » O Projeto Curupira, com o CTA-ZM, aproximou arte-educação, meio ambiente e agroecologia em escolas rurais e periurbanas.
- » A aprovação da Emenda Constitucional 64, em 2010, incluiu o direito à alimentação no artigo 6º da Constituição Federal, resultado de ampla mobilização social.
- » A iniciativa Mulheres e Agroecologia fortaleceu a organização produtiva de agricultoras em nove estados e ampliou seu acesso a políticas e mercados.
- » A incidência articulada contribuiu para a inclusão de 30% de produtos da agricultura familiar no Programa Nacional de Alimentação Escolar.
- » O monitoramento do Programa de Aquisição de Alimentos fortaleceu a defesa da agricultura familiar como política de segurança alimentar.
- » A campanha Sem Cerrado, Sem Água, Sem Vida mobilizou 570 mil assinaturas em defesa do Cerrado.
- » Durante a pandemia de Covid-19, a ActionAid apoiou 40 mil famílias em 12 estados, em parceria com 18 organizações, com mais de 57 mil cestas de alimentos, 2 mil vouchers de alimentação, 27 mil kits de higiene e 72 mil máscaras.
- » A participação no Observatório da Alimentação Escolar e na campanha Olhe para Fome ampliou o monitoramento social das políticas de alimentação.
- » A campanha Água é Vida ampliou o acesso à água potável para mais de 500 famílias em sete estados, com cisternas, biofiltros e outras tecnologias sociais.
- » A articulação com o Observatório do Clima aproximou a experiência territorial da agenda nacional de justiça climática.
- » A participação como organização da sociedade civil observadora do CONSEA, após sua retomada em 2022, reafirmou a importância da participação social na política de segurança alimentar.

2024: quando a justiça climática ganhou ainda mais urgência

Em 2024, a atuação combinou incidência política, produção de conhecimento e respostas concretas nos territórios. Participamos da preparação da Pesquisa Nacional Participa Clima, apoiamos debates sobre justiça energética e defendemos uma Transição Justa que coloque recursos e poder de decisão nas mãos de comunidades afetadas.

Na campanha global Fund Our Future, investigamos e denunciemos fluxos financeiros que alimentam combustíveis fósseis e agronegócio industrial, defendendo o redirecionamento de recursos para a agroecologia e os modos de vida de povos indígenas, quilombolas e camponeses.

Também aprofundamos a conexão entre educação, clima e racismo ambiental, inclusive por meio de metodologias construídas com escolas e comunidades tradicionais. Nos territórios, respostas à seca e às inundações incluíram tecnologias de armazenamento de água, quintais produtivos e outras estratégias de resiliência.

“Melhorou a minha vida pois agora tenho água para beber, cozinhar e para o consumo de casa e deixei de ir buscar água longe.”

Roseane Bezerra Rodrigues, agricultora, em entrevista sobre a experiência com cisterna, reúso de água cinza e sistema agroflorestal.



Roseane vivia com a família em uma comunidade rural do Sertão pernambucano. Antes da instalação da cisterna de 16 mil litros, precisava caminhar mais de um quilômetro para buscar água em açudes ou na cisterna da sogra. Com a nova estrutura, passou a ter água para consumo doméstico e iniciou um sistema agroflorestal com reúso de água cinza. A história mostra, em escala cotidiana, o elo entre água, alimentação, trabalho das mulheres e resiliência.

Parceiros que fazem essa trajetória possível

AS-PTA, CAA, Casa da Cultura, Caatinga, Centro Sabiá, Ceacc, COMSEF, CTA-ZM, Esplar, MOC, Sasop, CONAQ, ASA, ANA, CONTAG, FETRAF, MST, FBSSAN, Rede PENSSAN, GT Agenda 2030, Observatório do Clima, Centro Brasileiro de Justiça Climática e Climate Action Network, entre outras articulações.

Da governança democrática à justiça econômica

Desde o início de sua atuação no Brasil, a ActionAid entendeu que combater a pobreza exigia ampliar o poder de decisão das pessoas diretamente afetadas pelas desigualdades. Por isso, a participação popular, especialmente de mulheres e jovens, tornou-se uma dimensão central do trabalho.

Ao longo de 25 anos, essa perspectiva evoluiu: da capacitação à participação; da participação ao empoderamento; do empoderamento à abordagem baseada em direitos; e, progressivamente, à defesa da justiça social, econômica, racial e climática.

Isso significou apoiar organizações locais, fortalecer movimentos e redes, monitorar políticas públicas, disputar orçamentos, defender o direito à cidade e criar instrumentos para que comunidades acompanhassem e cobrassem a aplicação dos recursos públicos. A justiça econômica aparece, assim, não como um tema isolado, mas como uma pergunta sobre quem decide, quem tem acesso aos recursos e quem se beneficia deles.

25 anos ampliando a capacidade de participação e incidência

- » A participação na Campanha Nacional pelo Direito à Educação e a incidência em torno do financiamento da educação básica pública.
- » A formação de lideranças comunitárias para atuação em conselhos municipais em 13 estados.
- » O projeto Política Viva, que aproximou comunidades e gestores públicos em torno de políticas de alimentação, habitação e enfrentamento à violência contra as mulheres.
- » A participação, com IBASE e outras organizações, no debate sobre o Plano Brasil sem Miséria.

- » A presença em Fóruns Sociais Mundiais e em espaços de diálogo sobre o BRICS, conectando experiências brasileiras a debates internacionais.
- » O projeto Olhar Crítico sobre participação e cidadania, em parceria com o Institute of Development Studies, que articulou pesquisadores, movimentos sociais e organizações.
- » O projeto de Monitoramento de Políticas Públicas pela Sociedade Civil, com apoio da Fundação Ford, fortalecendo práticas de accountability societal.
- » O ELBAG, liderado pela ActionAid em parceria com o INESC, que criou ferramentas para comunidades monitorarem orçamento e políticas públicas.
- » A campanha pelo direito à cidade, com movimentos sociais e coletivos periféricos, articulando moradia, saneamento, mobilidade, segurança, políticas interseccionais e enfrentamento ao racismo ambiental.
- » As Caminhadas da UNAS em Heliópolis, que transformaram a ocupação do espaço público em processo pedagógico e mobilização por direitos.
- » A participação na elaboração de relatórios da sociedade civil sobre os Objetivos do Milênio e os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável.
- » O Observatório da Alimentação Escolar e a participação no CONSEA.
- » A mobilização social pela aprovação do auxílio emergencial de R\$ 600 durante a pandemia.

2024: justiça econômica, cuidado e transição justa

Em 2024, aprofundamos a conexão entre justiça econômica e justiça climática. A atuação combinou defesa de políticas públicas, combate à fome, valorização da economia do cuidado, apoio a práticas agroecológicas e defesa de uma Transição Justa.

Também ampliamos parcerias voltadas à inclusão produtiva de jovens e mulheres, especialmente em comunidades periféricas e rurais afetadas por crises climáticas. A geração de renda foi tratada como parte de processos mais amplos de autonomia, organização e acesso a direitos.

“Hoje mudou a minha vida. Crio minhas galinhas, tem meus ovos, quando eu quero vender eu vendo, quando eu não quero, eu como, né? Tenho meus bolos, vendo, já adquiro aquele dinheiro.”

Vanúzia Barros Lima dos Santos, agricultora e integrante do MMTRP-AL.



A história de Vanúzia ajuda a tornar concreta essa conexão. A partir da organização coletiva, ela passou a integrar um grupo de produção de bolos, ampliou sua renda e assumiu novos espaços de participação, inclusive como representante do povoado em um conselho de saúde. A mudança, em seu relato, não é apenas econômica: é também sobre conhecimento, voz e autonomia. “Hoje eu sei quais são os meus direitos”, conta.



TRANSFORMAR AS RELAÇÕES DE PODER

De relações de gênero a direitos das mulheres

A trajetória da ActionAid Brasil na agenda de gênero também é uma história de ampliação. O que começou com a incorporação do debate de gênero ao trabalho programático ganhou, ao longo dos anos, uma abordagem cada vez mais centrada em direitos, autonomia, participação política e enfrentamento das violências.

A primeira estratégia de gênero, formulada em 2003, ajudou a consolidar esse caminho. Vieram depois experiências de Mulheres, Agroecologia e Trabalho, Cidades Seguras, Mulheres e Política e, progressivamente, uma abordagem interseccional que reconhece como gênero, raça, território, classe e idade se combinam para produzir desigualdades.

Essa evolução também mudou a pergunta que orienta o trabalho: não apenas como apoiar mulheres em contextos de vulnerabilidade, mas como fortalecer sua capacidade de decidir, organizar-se, produzir renda, ocupar espaços de poder e transformar as estruturas que limitam seus direitos.

Mulheres, autonomia e participação

- » O fortalecimento da organização produtiva das agricultoras e das experiências de agroecologia.
- » A atuação em torno do direito das mulheres à cidade e de territórios seguros.
- » As iniciativas Mulheres e Política, que ampliaram a participação e a liderança das mulheres.
- » A articulação com movimentos de mulheres rurais, quebradeiras de coco, mulheres negras, indígenas, quilombolas e organizações feministas.
- » O projeto Meninas em Movimento, que formou jovens de três territórios pernambucanos em habilidades de campanha e advocacy para o fim da violência e exploração sexual de crianças e adolescentes.
- » O fortalecimento de redes e organizações que trabalham simultaneamente autonomia econômica, enfrentamento à violência e participação política.

2024: autonomia econômica, cuidado e poder

Em 2024, a agenda de direitos das mulheres esteve cada vez mais conectada às dimensões econômica, racial e climática. O fortalecimento da economia do cuidado, a defesa da autonomia financeira e a participação das mulheres em decisões sobre políticas públicas foram articulados ao enfrentamento das desigualdades que recaem de forma mais intensa sobre mulheres negras, rurais e de territórios tradicionais.

Essa abordagem aparece também nas experiências de geração de renda. No MMTRP-AL, por exemplo, grupos produtivos articulam formação política, quintais produtivos, beneficiamento de alimentos e acesso a mercados institucionais.

“Antes eu não me achava com coragem, achava que eu nunca tinha direito de falar nada. E hoje eu não tenho medo de falar não.”

Vanúzia Barros Lima dos Santos.



Uma liderança que voltou a sonhar

Girlane Belfort Mendes, do MIQCB, começou a participar do movimento aos 19 anos. Depois de casar jovem, interromper os estudos e viver fora do estado, retornou ao território e passou a ocupar novos espaços. Concluiu o ensino médio, participou do Centro de Formação das Quebradeiras de Coco Babaçu, tornou-se liderança comunitária e chegou à universidade na primeira turma de Licenciatura em Educação do Campo/ Ciências Humanas dedicada a quebradeiras de coco e professores agroextrativistas.

Sua trajetória reúne educação, identidade, autonomia econômica, participação política e defesa do território. Para ela, a educação é “a base do presente e do futuro” e deve fortalecer a identidade das comunidades tradicionais.

“A educação transforma nossa vida, através dela conseguimos lutar pelos nossos direitos, defender nosso modo de vida, nossa vivência.”

Girlane Belfort Mendes, MIQCB.



Parceiros centrais nesta caminhada

Casa da Mulher do Nordeste, Centro das Mulheres do Cabo, CF-8, CMTR, Esplar, Fase-PA, MIQCB, MOC, CONAQ, Makira-E'ta, MMTR-NE, Geledés, ETAPAS, Redes da Maré, UNAS e Cunjã Coletivo Feminista, entre outras organizações e redes.

Equidade racial: enfrentar o racismo para transformar

A equidade racial não aparece como uma agenda paralela na trajetória da ActionAid Brasil. Ela foi se tornando uma lente indispensável para compreender a pobreza, a desigualdade, o território, a educação, o clima e as relações de poder.

A participação na campanha Onde você guarda seu racismo, a atuação junto a comunidades quilombolas e tradicionais, o trabalho de identidade e representatividade com crianças e adolescentes e o fortalecimento de organizações do movimento negro ajudaram a construir essa trajetória.

Nos últimos anos, essa perspectiva ganhou uma dimensão sistêmica. O Projeto SETA — Sistema de Educação por uma Transformação Antirracista — sintetiza essa mudança ao reunir pesquisa, formação, incidência política, mobilização juvenil e articulação internacional para transformar o ecossistema da educação pública.

De experiências territoriais a uma agenda sistêmica

- » A campanha Onde você guarda seu racismo, lançada originalmente em 2004 no âmbito do projeto Diálogos contra o Racismo.
- » O trabalho de educação antirracista e valorização da identidade com crianças e adolescentes.

- » O fortalecimento de territórios quilombolas, quebradeiras de coco e outras comunidades tradicionais.
- » A consolidação de uma abordagem interseccional que conecta gênero e raça.
- » O Projeto SETA, único projeto da América Latina selecionado no Desafio de Equidade Racial 2030 da Fundação W.K. Kellogg, com financiamento de US\$ 10 milhões para oito anos.
- » A produção de pesquisas e evidências sobre racismo, educação e desigualdades.
- » A articulação com a Universidade de Bristol e a dimensão internacional do debate sobre justiça racial na educação.

2024: educação, racismo ambiental e produção de evidências

Em 2024, a ActionAid aprofundou o debate sobre racismo ambiental e realizou, em parceria com a UFRJ e o Centro Brasileiro de Justiça Climática, o seminário “Racismo Ambiental: o que isso tem a ver com o seu quintal?”.

No âmbito do SETA, avançamos na formação pedagógica antirracista, na produção de dados, no fortalecimento de redes juvenis e cursinhos populares e na incidência internacional. A participação da coalizão no Fórum Permanente de Afrodescendentes da ONU levou a uma agenda brasileira de educação decolonial para um espaço internacional.

“O que mais sonho hoje é que eles tenham sonhos e perspectivas de vida para o futuro, porque hoje eles não têm. [...] O jovem tem uma pressão muito grande em cima dele.”

Milena da Silva Carrari, UNAS.



Milena chegou à UNAS aos seis anos, como participante do Centro para Criança e Adolescente (CCA) e do sistema de Vínculos Solidários, o apadrinhamento de crianças pela ActionAid. Anos depois, formada em Pedagogia e com especialização em Psicopedagogia, tornou-se coordenadora de um CCA. Sua história expressa uma ideia central desta trajetória: educação não é apenas acesso à escola; é também criar espaços para que crianças e jovens desenvolvam pensamento crítico, autoestima, capacidade de organização e perspectiva de futuro.

Hoje, Milena trabalha com educação antirracista no CCA. Ela lembra que, depois das formações, crianças que antes não se identificavam como pretas passaram a dizer com orgulho: “eu sou uma criança preta”.

“Oi Milena, tudo bem? A gente conseguiu, deu tudo certo. Não chegamos lá ainda, falta muita caminhada, mas a gente já está mais longe do que um dia você pensou. E que valeu a pena todo o esforço.”

Mensagem que Milena enviaria à criança que ela um dia foi.



Uma infância que aprende a nomear o racismo ambiental

Enzo, 10 anos, participa do CCA PAM, da organização parceira UNAS, em Heliópolis. Em sua entrevista, explicou com suas próprias palavras o que aprendeu sobre racismo ambiental e relacionou o conceito à experiência dos alagamentos e do lixo no território. Também falou sobre preconceito e sobre a importância de aprender esses temas desde cedo.

“Racismo ambiental é tipo assim: a prefeitura nem liga para o bairro pobre. Mas no outro bairro rico, eles ligam mais e cuidam mais.”

Enzo, 10 anos.



Eliana: identidade, território e autonomia

No território do Gurutuba, no Norte de Minas Gerais, Eliana Lima Marques Fernandes combina a luta pelo reconhecimento do território quilombola, a agroecologia, a organização das mulheres e a educação das crianças.

Sua entrevista mostra como a identidade quilombola se fortalece quando conhecimento, produção, renda e organização caminham juntos. No trabalho com o algodão agroecológico, ela relata que mulheres que antes dependiam economicamente dos maridos passaram a ter renda própria. No território, também destaca a importância de ensinar às crianças a preservar a cultura, o meio ambiente e os conhecimentos tradicionais.

“Eu sou quilombola e amo ser.”

Eliana Lima Marques Fernandes.



Na experiência relatada por Eliana, a mudança aparece também na vida coletiva: mais de 50 mulheres participam de iniciativas ligadas ao algodão e à organização produtiva, enquanto crianças e adolescentes participam de atividades que articulam agroecologia, cultura e preservação ambiental.

Parceiros chave nessa trajetória

Ação Educativa, Campanha Nacional pelo Direito à Educação, CONAQ, Instituto Geledés, Makira-E'ta, UNEafro, Instituto Peregrum, Coalizão Negra por Direitos, CAA-NM, Redes da Maré, UNAS, Giral, CPP, MIQCB, Marcha das Mulheres Negras, CBJC, entre outras redes, organizações e coalizões.

ESTAR PRESENTE QUANDO MAIS IMPORTA

Responder às emergências, fortalecer a resiliência

Responder a uma emergência é salvar vidas no presente. Para a ActionAid, é também enfrentar as condições que fazem com que algumas pessoas sejam mais expostas ao risco do que outras.

Ao longo dos anos, a abordagem humanitária da Federação passou por uma transformação: do assistencialismo para uma ação humanitária feminista, descolonizada e orientada pela liderança local. Mulheres, organizações comunitárias e movimentos sociais ocupam um papel central na resposta, na reconstrução e na redução de riscos.

No Brasil, essa abordagem foi adaptada à realidade social, climática e territorial do país. A ActionAid atua por meio de organizações locais que já possuem confiança e conhecimento dos territórios. A resposta combina apoio imediato — alimentos, água, kits de higiene e outros itens essenciais — com recuperação de meios de vida, fortalecimento comunitário e construção de resiliência.



Uma trajetória que mudou a forma de responder

- » O tsunami no Oceano Índico, em 2004, marcou uma mudança na forma de apoiar comunidades afetadas, com recursos direcionados à reconstrução liderada localmente.
- » No Haiti, em 2010, a proteção de mulheres e crianças foi colocada no centro da resposta.
- » A resposta à seca no Quênia levou ao desenvolvimento de sistemas de comunicação bidirecional por SMS, fortalecendo o acesso das comunidades à informação e a capacidade de indicar suas próprias necessidades.
- » No Nepal, em 2015, a resposta combinou apoio emergencial e reconstrução de meios de vida.
- » Na crise dos refugiados Rohingya, a partir de 2017, foram criados Espaços Seguros para Mulheres e Meninas.
- » Durante a pandemia de Covid-19, redes da ActionAid alcançaram milhões de pessoas em dezenas de países.

No Brasil: da resposta imediata à reconstrução

No Brasil, a experiência de resposta à fome e à seca nos anos 2000 esteve diretamente ligada à disseminação das cisternas e à construção de alternativas de convivência com o Semiárido. Durante a pandemia, a resposta combinou combate à fome e apoio à agricultura familiar. Em enchentes e outros eventos extremos, o trabalho também incluiu reconstrução de quintais produtivos e apoio a famílias rurais.

Em 2024, as enchentes no Rio Grande do Sul recolocaram a emergência climática no centro do debate público. Ao mesmo tempo, a ActionAid Brasil manteve iniciativas de resiliência no Nordeste, com sementes crioulas, recuperação de quintais produtivos e formação de jovens para atuação em riscos climáticos.

A emergência, portanto, atravessa os demais capítulos deste relatório: segurança alimentar, direitos das mulheres, justiça racial, clima, organização comunitária e políticas públicas são dimensões inseparáveis de uma resposta que pretende não apenas reparar perdas, mas ampliar a capacidade de decisão e proteção das comunidades.

Parceiros nas respostas humanitárias:

Assema, AS-PTA, CAA-NM, Casa da Mulher do Nordeste, Centro das Mulheres do Cabo, Esplar, Etapas, MIQCB, MOC, MMTR, Sasop, Redes da Maré, UNAS, entre outras organizações e redes.





UMA HISTÓRIA BRASILEIRA QUE ATRAVESSA FRONTEIRAS



O Brasil também transformou a ActionAid

A história da ActionAid no Brasil não é apenas a história de como a Federação apoiou um trabalho nacional. É também a história de como experiências construídas aqui ajudaram a transformar a própria ActionAid.

A criação da ActionAid Internacional, em 2003, consolidou uma Federação descentralizada e com governança compartilhada. A transferência da sede global para Joanesburgo, em 2004, reforçou a mudança de perspectiva que colocou o Sul Global no centro da organização.

Desde os primeiros anos, a ActionAid Brasil participou desse processo e levou para a Federação aprendizagens construídas em diálogo com organizações e movimentos sociais brasileiros.

25 anos de mudanças estratégicas

A contribuição brasileira também pode ser lida na sucessão de estratégias internacionais que marcaram a trajetória da Federação. O Brasil participou dos grupos de trabalho e de supervisão

que ajudaram a construir essas orientações, levando para elas experiências, tensões e aprendizagens do trabalho realizado com movimentos e organizações sociais no país.

- » Vencer a Pobreza Juntos (Fighting Poverty Together — FPT), 1999–2005: marcou a transição de um modelo tradicional de caridade para uma abordagem centrada no empoderamento e na mudança das relações de poder.
- » Direitos para Enfrentar a Pobreza (Rights to End Poverty), 2006–2011: consolidou a abordagem de direitos civis, políticos e socioeconômicos, aprofundando a descentralização e o trabalho de advocacy e auditoria social.
- » Ação das Pessoas por Direitos (People's Action to End Poverty), 2012–2017: aprofundou a abordagem baseada em direitos e incorporou de forma transversal as agendas de justiça climática e direitos das mulheres e meninas.
- » Ação por Justiça Global (Action for Global Justice), 2018–2028: é a estratégia atual e coloca no centro a justiça social, econômica e ambiental, o protagonismo de movimentos sociais de pessoas em situação de pobreza e exclusão e a liderança de mulheres e jovens.

O que circulou do Brasil para a Federação

- » A participação brasileira na criação formal da ActionAid Internacional e na construção de seus espaços de governança.
- » A contribuição para a internacionalização do Conselho de ActionAid Internacional.
- » A eleição, em 2014, de uma liderança brasileira para o cargo de Secretário-Geral da ActionAid Internacional.
- » A sistematização e circulação internacional da experiência brasileira em segurança alimentar e direito à alimentação.
- » A contribuição para a agenda internacional de Governança Democrática e metodologias participativas.
- » A coordenação internacional da Knowledge Initiative.
- » A incorporação e expansão da agroecologia nas experiências de diferentes países da Federação.
- » O pioneirismo na construção de parcerias com movimentos sociais como parte central da estratégia programática.
- » A criação da metodologia dos Vínculos Solidários, que deslocou a concepção tradicional de child sponsorship para uma abordagem comunitária, política e baseada em direitos.
- » O desenvolvimento da captação doméstica por meio do apadrinhamento, fortalecendo a sustentabilidade no Sul Global.

- » A contribuição brasileira para os debates de antirracismo, decolonialidade e interseccionalidade.
- » A participação na conformação do Global Leadership Team e na construção das estratégias plurianuais da Federação.

Uma via de mão dupla

Essa história não deve ser contada como uma lista de “contribuições” técnicas. O mais importante é mostrar a circulação de aprendizagens.

A Federação trouxe recursos, metodologias, experiências e conexões internacionais. O Brasil adaptou, questionou, inovou e também devolveu à Federação práticas e perspectivas nascidas dos territórios brasileiros. O resultado é uma relação de mão dupla: uma organização global que se transforma quando diferentes países e comunidades participam de sua construção.

“A ActionAid é uma parceira política no sentido da construção de pautas, do incentivo à fala, do incentivo a partir das pessoas e a partir das vivências das pessoas. [...] Não só apoia financeiramente, mas também se faz presente na construção das pautas.”

Itanacy Oliveira, Casa da Mulher do Nordeste.



25 ANOS, MUITAS ALIANÇAS

Um mosaico de vozes dos parceiros

Se os 25 anos fossem contados apenas pela voz institucional, faltaria uma parte essencial da história. A ActionAid Brasil existe, em grande medida, nas relações que construiu com organizações e movimentos sociais.

Por isso, neste aniversário, perguntamos aos parceiros o que essa caminhada significou para eles. As respostas não formam uma única narrativa. Formam um mosaico de palavras: crescimento, democracia, coletividade, poder, luta por direitos, força, esperança e autonomia.



“A parceria sempre proporcionou muito crescimento e acesso a novas possibilidades de sustentabilidade. Nós fizemos os primeiros projetos, tivemos as primeiras dificuldades, e aprendemos muito com isso.”

Silvianete Carvalho — Assema

“A ActionAid é uma parceira na luta pela democracia, na luta pelos direitos de criança, adolescente, mulheres, do meio ambiente.”

Itanacy Oliveira — Casa da Mulher do Nordeste

“A ActionAid para o MOC significa força e esperança.”

Cleonice Oliveira — MOC

“Uma palavra que traz muito dessa parceria dos 25 anos com a ActionAid é a luta por direito.”

Sara Jorge — CMC

“Eu cresci vendo a atuação dentro das comunidades e como isso muda a vida das crianças que fazem parte, que eram incentivadas assim como eu fui a realizar seus sonhos estudando.”

Camili Jorge — Centro das Mulheres do Cabo

“Para mim o que significa a parceria MIQCB e ActionAid é a coletividade. Porque todos os trabalhos que nós fazemos é no coletivo.”

Sandra Regina Monteiro — MIQCB

“Essa parceria com a ActionAid é importante para fortalecer a educação nesse trabalho que a gente tem com as comunidades, com as mulheres e as crianças.”

Elenita Almeida — CMTR

“A palavra que a parceria significa para a gente é esperar. No sentido da ação.”

Zezé Pacheco — CPP

“A parceria da ActionAid veio fortalecer o MMTR no trabalho, na luta, na autonomia das mulheres, na melhoria das famílias e principalmente das crianças vinculadas (apadrinhadas).”

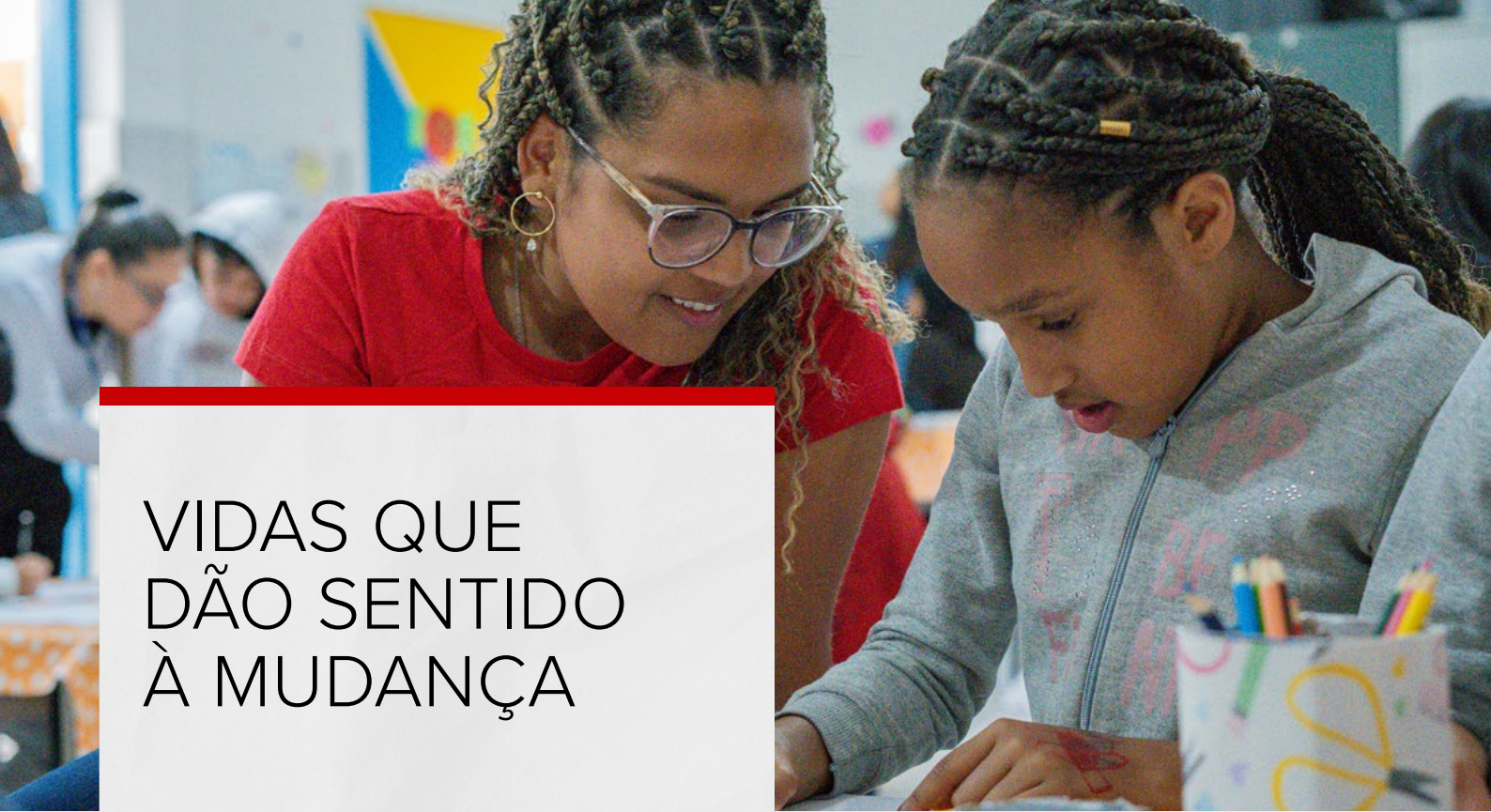
Edneide Almeida — MMTR-AL

“Uma das palavras mais fundamentais e significativas pra gente [...] é a esperança de dias melhores, de novas oportunidades.”

Leandro Moura — Giral

“O significado de com a ActionAid é poder. Entendendo que informação é poder. E com muita alegria a gente nesses últimos anos está lá dentro da comunidade contribuindo com a difusão do conceito de racismo ambiental, do letramento racial, do letramento climático através do lúdico, da brincadeira, da arte”.

NOME DA PESSOA



VIDAS QUE DÃO SENTIDO À MUDANÇA

Vidas que dão sentido à mudança

Ao longo de 25 anos, milhares de pessoas participaram de projetos, formações, mobilizações, redes e processos de organização apoiados pela ActionAid e por seus parceiros. Algumas histórias ajudam a enxergar, em escala humana, o que os números não conseguem contar.

Este mosaico reúne trajetórias diferentes — uma estudante de Direito, uma educadora, uma liderança quilombola, uma agricultora, uma mãe solo, uma criança, uma jovem que voltou a estudar. Elas não são apresentadas como “beneficiárias” passivas. São protagonistas de processos coletivos que ampliaram conhecimento, autonomia, vínculos, direitos e possibilidades.



Maria Rita — Ceará

Educação e perspectiva de futuro

Maria Rita Castro da Silva foi acompanhada pelo Esplar dos três aos 18 anos. Filha de agricultores, cresceu em uma família com poucos recursos e estudou em escolas públicas. Hoje cursa Direito em Quixadá e sonha em seguir uma carreira ligada à defesa de direitos. Ela guarda como aprendizados as oficinas, os temas sobre meio ambiente e direitos e o incentivo à escrita e à expressão.

“Para mim, foi uma esperança. [...] Quando eles contaram suas próprias histórias e conseguiram, eu percebi que também posso conseguir.”

Milena — São Paulo

Da criança apadrinhada à educadora

Milena da Silva Carrari entrou na UNAS aos seis anos. Participou do CCA, escreveu cartas e viveu a experiência dos Vínculos Solidários. Formou-se em Pedagogia, especializou-se em Psicopedagogia e hoje coordena um Centro para Criança e Adolescente. Sua história traduz uma ideia de continuidade: a criança que encontrou espaço para sonhar tornou-se adulta que trabalha para ampliar o horizonte de outras crianças.

“A gente conseguiu, deu tudo certo. Não chegamos lá ainda, falta muita caminhada, mas a gente já está mais longe do que um dia você pensou.”

Eliana — Minas Gerais

Identidade, território e autonomia

Eliana Lima Marques Fernandes é agricultora e liderança quilombola no território do Gorutuba. Sua trajetória articula reconhecimento territorial, agroecologia, organização das mulheres e educação das crianças. No trabalho com o algodão, ela relata mudanças na autonomia econômica de mulheres que passaram a ter renda própria. Também atua para que crianças e adolescentes conheçam e valorizem sua identidade quilombola.

“Eu sou quilombola e amo ser.”

Hamana — Rio de Janeiro

Autonomia e recomeço

Hamana Gerônimo da Silva, mulher negra, moradora da Maré e mãe solo de quatro filhos, participou de diferentes iniciativas da Redes da Maré. As rodas de conversa, ações de cuidado, formação em culinária e consultorias em empreendedorismo contribuíram para uma nova etapa de sua trajetória profissional e pessoal. Hoje trabalha como auxiliar de cozinha e afirma ter construído mais segurança para cuidar de si e da família.

“Hoje me sinto capacitada psicologicamente e financeiramente para criar meus filhos.”

Roseane — Pernambuco

Água, alimentação e tempo

Roseane Bezerra Rodrigues vive com o marido e os filhos em uma comunidade rural do Sertão pernambucano. Antes da cisterna de 16 mil litros, precisava buscar água longe de casa. Com a instalação da cisterna, um sistema de reúso de água cinza e o início de um sistema agroflorestal, ganhou acesso mais regular à água para consumo e abriu espaço para produzir alimentos saudáveis.

“Gastava muito tempo para buscar água e agora posso cuidar da minha horta, da casa e cuidar dos meus filhos.”

Vanúzia — Alagoas

Renda, voz e autonomia

Vanúzia Barros Lima dos Santos encontrou na organização coletiva uma forma de ampliar renda e participação. No grupo produtivo do MMTRP-AL, participa da produção de bolos destinados ao Programa de Aquisição de Alimentos e de outras iniciativas. Também retomou os estudos por meio da EJA e passou a ocupar espaços de participação comunitária.

“Hoje em dia a gente tem que tomar nossas decisões e ver que nem tudo a gente vai fazer o que eles querem, porque a gente sabe os nossos direitos.”

Girlane — Maranhão

Educação e liderança

Girlane Belfort Mendes começou a participar do MIQCB aos 19 anos. Depois de interromper os estudos, voltou ao território, concluiu o ensino médio, participou do Centro de Formação das Quebradeiras de Coco Babaçu e tornou-se liderança comunitária. Em 2024, ingressou na primeira turma da Licenciatura em Educação do Campo/Ciências Humanas dedicada a quebradeiras de coco e professores agroextrativistas.

“A educação transforma nossa vida, através dela conseguimos lutar pelos nossos direitos, defender nosso modo de vida, nossa vivência.”

Maria Clara — Alagoas

Alimentação saudável desde cedo

Maria Clara Leão de Santana, 12 anos, participa desde os três anos de atividades do MMTRP-AL. Nas ações, aprendeu sobre alimentação saudável, água potável, racismo ambiental e cuidados com o território. Ela leva esses aprendizados para casa e ajuda a construir uma cultura de cuidado que começa na infância.

“A alimentação tem que ficar em primeiro lugar pra gente, ajuda na nossa saúde, pode evitar doenças.”

Enzo — São Paulo

Aprender a nomear o que se vive

Enzo, 10 anos, participa do CCA PAM, em Heliópolis. Nas atividades, aprendeu sobre preconceito, racismo ambiental, arte e cultura. Sua fala mostra como crianças podem compreender e nomear problemas do território quando encontram espaços seguros para conversar, criar e perguntar.

“Falei que ia ser muito feliz aqui dentro e ter futuro. [...] tudo o que falei se tornou a realidade.”

Ritinha — Paraíba

Agroecologia e resistência

Rita Izidora, conhecida como Ritinha, transformou um terreno antes considerado improdutivo em um quintal agroecológico diversificado, livre de agrotóxicos. A partir de formações e intercâmbios promovidos pela AS-PTA com apoio da ActionAid, passou a produzir frutas, polpas, mudas, aves e ovos, além de participar de redes e espaços de organização das mulheres agricultoras.

“As pessoas diziam que não dava para plantar nada aqui. [...] Hoje, as pessoas perguntam como consigo fazer isso.”





RECURSOS, PESSOAS E TRANSPARÊNCIA

Recursos que se transformam em ação

Para a ActionAid Brasil, prestar contas é mais do que apresentar números. É mostrar com transparência como os recursos são administrados e como se transformam em ações, parcerias e processos de mudança.

Em 2024, esse compromisso esteve acompanhado de mecanismos de controle, acompanhamento financeiro e auditoria independente. As demonstrações contábeis referentes ao exercício encerrado em 31 de dezembro de 2024 foram submetidas a procedimentos de revisão, testes de controles, análises de transações e saldos, confirmações externas e verificações de documentos e registros.

2024 em números financeiros

Receitas operacionais R\$ 23,4 milhões	Doações nacionais R\$ 10,96 milhões	Doações internacionais R\$ 5,55 milhões	Receitas de projetos R\$ 6,88 milhões
Recursos destinados às atividades-fim e de assistência social R\$ 14,98 milhões	Recursos repassados a entidades apoiadas R\$ 7,15 milhões	Custos diretos de projetos e atividades R\$ 7,82 milhões	Despesas administrativas R\$ 6,79 milhões
	Superávit do exercício R\$ 1,4 milhão	Recursos de projetos a receber ao final de 2024 R\$ 41,06 milhões	

Os recursos também chegam às comunidades por meio das organizações parceiras. Em 2024, foram registrados R\$ 182,9 mil em adiantamentos a parceiros para atividades programadas para 2025. Ao final do exercício, a ActionAid Brasil apresentava R\$ 43,95 milhões em ativos, R\$ 42,54 milhões em passivos, R\$ 23,51 milhões em receitas e R\$ 22,11 milhões em custos e despesas, resultando em R\$ 1,40 milhão de resultado no exercício.

Quem somos hoje

No Brasil, somos uma equipe de 43 funcionários — 31 mulheres e 12 homens — liderada por uma Coordenação Executiva de quatro pessoas. O Conselho Administrativo tem 12 membros voluntários. A organização também vem ampliando a diversidade racial de sua equipe e de seus espaços de governança.

Nossa presença nos territórios



18 organizações locais parceiras,
articuladas em redes e
movimentos nacionais



93.159 pessoas alcançadas
pelos projetos em parceria



20.416 mulheres
e **17.999 crianças**
entre as pessoas alcançadas



1.072
comunidades



181
municípios



12 estados
brasileiros

Parceiros locais

- » Assema;
- » AS-PTA;
- » CAA;
- » Caatinga;
- » Casa da Mulher do Nordeste;
- » Centro das Mulheres do Cabo;
- » CPP;
- » CMTR-MA;
- » CTA-ZM;
- » Esplar;
- » ETAPAS;
- » Giral;
- » MIQCB;
- » MMTRP-AL;
- » MOC;
- » Redes da Maré;
- » Sasop;
- » UNAS.

Parceiros nacionais e institucionais

- » Articulação Nacional de Agroecologia;
- » Articulação do Semiárido;
- » Campanha Nacional pelo Direito à Educação;
- » Fórum Brasileiro de Segurança e Soberania Alimentar e Nutricional;
- » Rede Feminismo e Agroecologia do Nordeste;
- » Rede PENSSAN;
- » Fundação W.K. Kelloggs;
- » Instituto Clima e Sociedade;
- » Vollmens Fragrances;
- » Petrobras Socioambiental;
- » Projeto Colabora.

ActionAid no mundo

A Federação ActionAid reúne organizações que trabalham para fortalecer a justiça social, a igualdade de gênero e a erradicação da pobreza. Em 2024, a Federação registava presença em 75 países, com 3.048 funcionários e 3.592 organizações parceiras, entre movimentos sociais, redes e coalizões, organizações de direitos das mulheres e organizações lideradas por jovens.



45,2 milhões de pessoas alcançadas pelas campanhas



4,7 milhões de pessoas alcançadas pelo trabalho humanitário



25 países afiliados



5 países associados



15 países-programa



30 outros países com presença por meio de parceiros, organizações-satélite e novos membros

A história continua

Celebrar 25 anos não significa encerrar uma história. Significa reconhecer o caminho percorrido para poder perguntar o que ainda precisa mudar.

As vozes reunidas neste relatório apontam para um futuro construído a partir de direitos, organização e solidariedade: mulheres que querem decidir sobre sua própria renda; jovens que querem estudar e ocupar espaços de poder; crianças que aprendem a nomear o racismo e defender seu território; comunidades que querem água, terra e alimento; organizações que querem seguir fazendo política a partir da vida real.

A história da ActionAid Brasil continua onde sempre esteve: na construção coletiva de alternativas com quem vive as desigualdades e luta para transformá-las.

Governança

Conselho Administrativo:

- » Amalia Fischer;
- » Andreia Coutinho Louback;
- » Cintia Andrade;
- » Claire Morandau;
- » Daniela Costa;
- » Domenica Rodrigues;
- » Lucimara Letelier;
- » Mauricio Pestana;
- » Renato Maluf;
- » Thaís Brianezi;
- » e demais membros conforme a composição oficial de 2024.

Conselho Fiscal:

- » Gaspar Carreira Junior;
- » Marcos José Pereira da Silva;
- » William Roberto Oliveira de Almeida.

Coordenação Executiva:

- » Ana Paula Brandão;
- » Daniel Barros;
- » Glauce Arzua;
- » Jorge Romano.

Direção e coordenações:

- » Ana Paula Brandão,
Diretora da Área Programática;
- » Daniel Barros,
Head de Mobilização de Recursos;
- » Glauce Arzua,
Diretora de Engajamento Público;

- » Jorge Romano,
Assessor Estratégico da Coordenação Executiva;
- » Patrick Avila,
Coordenador de Desenvolvimento Organizacional;
- » Jessé Augusto,
Coordenador de Finanças;
- » Henrique Santana,
Coordenador de Mobilização de Recursos;
- » Erika Azevedo,
Coordenadora de Engajamento Digital;
- » Carlos Zimmer,
Coordenador de Tecnologia da Informação.

Expediente

Organização editorial:

- » Glauce Arzua;

Curadoria de conteúdo:

- » Ana Carolina Morett;

Projeto gráfico:

- » Rafael Nunes.

Onde estamos

ActionAid Brasil

Rua da Glória, 344, salas 301–303
Glória, Rio de Janeiro – RJ, CEP 20241-180.
Tel.: +55 (21) 2189-4600.

25 anos no Brasil **act:onaaid**

Transformando Vidas,
Construindo Futuros